

UNIVERSIDADE TIRADENTES

**IRISDIÉRE BANDEIRA FERNANDES
JOSÉ LUIZ ANDRADE DE LIMA**

**POLÍTICA, FILOSOFIA E LITERATURA EM TOBIAS
BARRETO**

**ARACAJU
2007**

**IRISDIÉRE BANDEIRA FERNANDES
JOSÉ LUIZ ANDRADE DE LIMA**

**POLÍTICA, FILOSOFIA E LITERATURA EM TOBIAS
BARRETO**

Artigo Científico apresentado à
Universidade Tiradentes, como
um dos pré-requisitos para
obtenção da Licenciatura em
Português no curso de Letras.

Orientadora: Profa. Msc. Antônia
Maria Nunes.

**ARACAJU
2007**

POLÍTICA, FILOSOFIA E LITERATURA EM TOBIAS

BARRETO

LIMA, José Luiz Andrade de.

jlal_76@hotmail.com

FERNANDES, Irisdiere Bandeira.

irisdier@bol.com.br

NUNES, Antônia Maria (orientadora)

Graduada em letras Português, Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, Prof.^a do Curso de Letras Português da Universidade Tiradentes – UNIT
nianunes@yahoo.com.br

RESUMO

O estudo do tema *Política, Filosofia e Literatura em Tobias Barreto* tem como objetivo a análise de sua produção intelectual, na perspectiva de discutir suas posições político-ideológicas frente às transformações daquele século, em um país que revia suas posturas diante de questões de fundamental importância para o povo brasileiro, como a abolição e a República, principalmente para os menos privilegiados socialmente. Por outro lado, busca-se entender, nessa pesquisa, o motivo que fez com que a obra desse grande intelectual não tenha tido a visibilidade nem o reconhecimento dos críticos da época. Assim, confrontam-se os textos do autor com os depoimentos dos críticos e com o próprio contexto histórico citado, com a intenção de se compreender toda a polêmica gerada em torno do nome de Tobias Barreto e de sua obra que, de certa forma, o impede de se projetar nacionalmente.

PALAVRAS-CHAVE: Política; Filosofia; Literatura; Identidade; Positivismo.

POLÍTICA, FILOSOFIA E LITERATURA EM TOBIAS

BARRETO

LIMA, José Luiz Andrade de.

jlal_76@hotmail.com

FERNANDES, Irisdiere Bandeira.

irisdiere@bol.com.br

NUNES, Antônia Maria (orientadora)

Graduada em letras Português, Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, Prof.^a do Curso de Letras Português da Universidade Tiradentes – UNIT
nianunes@yahoo.com.br

ABSTRACT

The study of the subject politics, philosophy and literature in Tobias Barreto it has as objective the analysis of its intellectual production, in the perspective to argue its politician-ideological position front to the transformations of that century, in a country that ahead reviewed its positions of questions of basic importance for the Brazilian people, with the abolition and the Republic, mainly for less privileged socially. On the other hand, one search's to understand, in this research, the reason that made with that the workmanship of this great intellectual has not had the visibility or the recognition of the critics of the time. Thus, the texts of the author with the depositions of the critics and the proper context of the name of Tobias Barreto and its workmanship are collated that, of certain form, hinders it of if projecting national.

KEY-WORD: Politics; Philosophy; Literature; Identity; Positivism.

POLÍTICA, FILOSOFIA E LITERATURA EM TOBIAS BARRETO

A segunda metade do século XIX foi de intensa produção literária direcionada para as questões sociais, mais notadamente a questão escravocrata que insistia em manchar a imagem do país junto à comunidade internacional, por ser o último país da América do Sul a abolir definitivamente a escravatura. Nesse contexto, apresentam-se alguns nomes de diversas áreas do conhecimento que discursavam a favor da abolição e lutavam pelos aviltados e humilhados ao longo de mais de dois séculos como José Bonifácio e Joaquim Nabuco. Mas a literatura não ficou muito atrás nas denúncias da situação sub-humana a que eram submetidos os escravos negros. Nomes como os de Victoriano Palhares, Tobias Barreto e Castro Alves fizeram com que seus textos ecoassem e conclamassem a população para uma ação efetiva no sentido de forçar a abolição da escravatura. Aqui, a partir da visão literária, política e filosófica que Tobias Barreto evidenciava em seus textos, iremos focalizar como o sergipano direcionou suas obras em uma época que a luta por questões sociais era a bandeira da maioria dos poetas, buscando entender, principalmente, por que sua literatura é, ainda hoje, esquecida.

O que nos levou a buscar entender a literatura de Tobias Barreto no Romantismo brasileiro foi a qualidade na produção de sua obra e o descaso com que os livros de literatura tratam a existência de tão importante autor sergipano que, além de escrever poesias de cunho social, escrevia textos jurídicos e foi um dos fundadores da Escola do Recife, berço de cultura na época, sem contar as várias identidades assumidas por ele ao longo de sua jornada de atividades intelectuais incessantes que começaram nas aulas de latim com o professor Domingos Quirino e terminaram nos escritos de monografias em alemão, frise-se que nesta língua foi autodidata.

Tobias Barreto foi, para sua época, um sujeito ímpar, singular, distintivo e único. Centrou-se na imagem do homem racional, científico, libertado do dogma e da intolerância, traços presentes nos representantes da filosofia ocidental. Sua identidade se faz a partir de uma construção nacional e devemos levar em consideração vários fatores que alavancaram todo um processo histórico-cultural e social-biológico. Pudemos observar que no século XIX Tobias Barreto foi um homem que ultrapassou algumas barreiras, uma delas foi a distância entre o pensamento filosófico europeu contemporâneo vigente, estando sempre presente no processo de construção de uma identidade intelectualizada.

Nascido a 07 de junho de 1839 na Vila de Campos – atual Tobias Barreto, no Estado de Sergipe – Tobias Barreto de Menezes morreu a 26 de junho de 1889 com cinquenta anos de idade, pobre e sem o reconhecimento da sociedade, mesmo tendo sido participante ativo das questões acerca da Abolição da Escravatura e das decisões sobre a Proclamação da República com seus discursos inflamados, como o Discurso sobre Mangas de Camisa (BARRETO, Tobias. **Esparsos e Inéditos**), sendo ainda crítico, poeta, ensaísta, jurista, filósofo, romancista, professor e músico.

A partir da leitura de Antônio Paim (Estudos de filosofia. Organização, Introdução e notas de Paulo Mercadante e Antonio Paim. 3. ed. Rio de Janeiro: Record; Brasília: INL, 1990), a divisão da trajetória filosófica de Tobias Barreto pode ser feita em seis estágios: a juventude, quando era notadamente simpatizante do ecletismo espiritualista e o período das idéias novas sendo inspirado fortemente por Comte. Após o surto das idéias novas envereda pelo criticismo, quando confronta com a teoria dos três estados, impulsionando a formação de uma nova corrente, a Escola do Recife; teve a fase haeckeliana trazendo um conceito neokantiano de filosofia. No fim de sua vida, Tobias Barreto envereda pelo culturalismo, tendo o mérito de ter sido considerado o escritor do ideário de fundação da Escola do Recife,

paixão que começa nas aulas de Filosofia com o frei Itaparica, em Salvador. Na cidade pernambucana de Escada, o pensador entrega-se à meditação, mais precisamente nos últimos anos do ensino superior.

Na fase espiritualista, Tobias Barreto passa a ser admirador dos estudos feitos pelo filósofo espiritualista alemão Guizot. Entretanto, essa fase será de duração efêmera e em uma de suas escritas, Tobias Barreto afirma que “O ilustre filósofo reconhece que o primeiro e mais importante mérito do espiritualismo, no ponto de vista puramente filosófico, é que os seus chefes e representantes contemporâneos deram às suas pesquisas e às suas idéias o caráter verdadeiramente científico”. Este pensamento vai reafirmar o rompimento da fase espiritualista do autor atestando, assim, o princípio do pensamento iluminista como podemos perceber na seguinte passagem: “Aqui as leis da natureza são conhecidas, ou melhor, concebidas por meio da indução (...) Ali, pelo contrário, o eu diz - penso, isto é, sinto, quero, conheço, novo-me, etc., é uma força que se sente, que se conhece a si mesmo. (BARRETO, 1986. p. 69). Em discurso proferido no Club Popular Escadense, Tobias Barreto choca a todos quando faz a declaração de que:

(...) a célebre trilogia: liberdade, igualdade, fraternidade, três palavras que se espantam de se acharem unidas, porque significam três coisas reciprocamente estranhas e contraditórias, principalmente as duas primeiras. E para que não me acusem de paradoxia, permite-me, por um pouco, tratar de demonstrá-la o que tanto mais interessa, quanto é certo que não terás por nós, nenhuma das três pessoas dessa unidade revolucionária, e por isso muito me importa sabermos, se delas, uma só nos baseia ou se de todas necessitamos, bem como se é possível a sua consecução. (BARRETO, 1926. p.16).

Nesse trecho, retirado do *Discurso em mangas de camisa*, pode-se observar justamente o rompimento com a fase espiritualista em detrimento da valorização do Direito Natural, sendo efêmera a valorização da doutrina positivista defendida pelo sergipano.

As idéias de igualdade e liberdade foram, com o passar do tempo, tomando forma de conceitos muito distantes da realidade de um povo oprimido e muito pouco ainda livre. Quando, há dez anos, foi nomeado bispo de Pernambuco o Sr. Cardoso Ayres, de glorioso esquecimento, como são todos os bispos, finados e por finir, na sua primeira pastoral, escrita em latim, dirigiu-se a seus diocesanos, sob a tripla categoria de clero, nobreza e povo, - clero, *optimatibus et populo*, senão plebi; esta classificação provocou a censura pública. Devo confessar que ainda hoje não compreendo uma só palavra das críticas e das reclamações, que ela teve o poder de suscitar [...] (BARRETO, 1990. p.96)

Observa-se que Tobias Barreto evidencia a espoliação por que passa o povo escadense, ou seja, a manipulação exercida pelos senhores de engenho locais sobre o povo daquela localidade, chegando a entrar em conflito com os mesmos e demonstrando o seu descontentamento em relação ao governo de Escada e da Nação, confirmando desse modo o espírito de luta republicana e abolicionista influenciado pelo Positivismo, pregando a coletividade no seu sentido lato e desprezando a individualidade.

O principal alvo de defesa de Tobias Barreto foi o oprimido, o esquecido pelo poder público. A luta pelo direito acabou sendo mais forte que a inaptidão para a profissão de advogado, manifestada pelo próprio Tobias. Uma espécie de sublimação, alimentada pelo apetite voraz com que tomava contato com a efervescência das idéias, especialmente aquelas originárias da Europa alemã. Num país em que a principal influência na literatura do século XIX é a francesa, fica, no mínimo, estranho, que um poeta venha defender uma literatura até então sem nenhuma força de influência na literatura local. Só que Tobias Barreto estava à procura de elementos que justificassem o seu pensamento voltado para a defesa dos mais oprimidos e necessitados de proteção. E foi na literatura alemã que o escritor encontrou as respostas para as suas necessidades literárias.

A ação pública de Tobias Barreto, em sua integralidade, deu sensível contribuição ao processo de construção da cidadania no Brasil. Pela sua oportunidade, mesmo tendo sido escrito de 1870, vale repetir o que disse o autor sergipano no artigo de fundo de A Crença:

“Se houver a imprudência de aí erguer-se um brinde à liberdade de consciência, o Brasil não o poderá acompanhar, porque mantém em si a escravidão religiosa; se um brinde à liberdade natural ou civil, o não poderá satisfazer, porque tem o escravo; se um brinde à liberdade política, o não poderá satisfazer, porque não tem o cidadão.” Nesse contexto, vê-se quanto Tobias era engajado e preocupado com os problemas ligados à justiça (ou falta dela) praticada no país, mais particularmente na cidade em que ele morava. A descrença nos poderes constituídos o faz acreditar que os ideais da Revolução Francesa não se aplicariam em nosso contexto. O Brasil assume, na visão de Tobias, uma posição unilateral dos interesses sociais. Vale mais, enquanto cidadão, aquele que mais poder econômico possuir na sociedade.

Se observarmos alguns trechos da obra de Tobias, perceberemos a preocupação com a situação político-econômica do país, como a questão da escravatura.

A ESCRAVIDÃO

*Se Deus é quem deixa o mundo
Sob o peso que o oprime,
Se ele consente esse crime,
Que se chama a escravidão,
Para fazer homens livres,
Para arrancá-los do abismo,
Existe um patriotismo
Maior que a religião.
Se não lhe importa o escravo
Que a seus pés queixas deponha,
Cobrindo assim de vergonha
A face dos anjos seus,
Em seu delírio inefável,
Praticando a caridade,
Nesta hora a mocidade
Corrige o erro de Deus!...*

Nesse poema, Tobias Barreto analisa a posição de Deus frente aos problemas da escravidão e põe em cheque os desígnios da fé no verso “*Se ele consente esse crime*” e mostra

mais à frente como um país pode – e deve – se manifestar contra esse tipo de crueldade “*Existe um patriotismo maior que a religião*”. O não contentamento diante das “decisões” divinas em permitir tal atrocidade é fator visível nos versos “*Nesta hora a mocidade / Corrige os erros de Deus!*”. Assim, Tobias confronta fé (emoção) e atitude (razão) quanto às questões abolicionistas.

É importante perceber que a obra de Tobias Barreto foi muito influenciada pelos rumos que sua vida tomava. A partir do momento que decidiu casar com a filha do Coronel João Félix, Tobias redireciona sua visão abolicionista engajada, como observa Hermes Lima (LIMA,1989. p.142): “Viver em Escada passou a significar viver em domínios da família, onde com o prestígio social e as relações políticas desta, ele poderia incorporar-se suavemente à *elite* dominante.” Nessa citação, percebemos que o autor deseja inserir a obra de Tobias Barreto num contexto de oportunismo e conveniência. Mas se assim o fosse, seus discursos não seriam tão inflamados e direcionados para setores dos quais ela fazia parte. Tobias Barreto não permitiu que sua literatura de protesto fosse abafada pelos interesses econômicos. Muitos problemas ele enfrentou por não concordar com determinadas atitudes do judiciário ou eclesiástico de Escada, tornando-o inimigo da elite local.

Tobias Barreto, efetivamente, não era visto com bons olhos pelos intelectuais. Ao escolher viver numa cidade que não lhe daria progressão nacional quanto ao que escrevia, toma para si a responsabilidade de ser apontado como um covarde. Gilberto Amado afirma que:

“Tobias, se fosse hoje o que foi no seu tempo, não seria um homem culto. (...). Feito para civilizar-se e para a civilização, tipo do homem mecânico destacado das fontes nativas ou geminais da paisagem, seu lugar seria hoje entre os cientistas contra os acientistas, dentre os europeus do tipo ocidental puro, galileano e cartesiano contra os intuitivistas, os substancialistas, os valoristas.” Gilberto Amado (APUD Jorge Amado, 1934, p. 119)

Isso demonstra, em pequena escala, como a intelectualidade de seu tempo - e fora dele - tratava o escritor e sua obra.

Tobias tinha o Direito em suas veias e a convicção de que aquela profissão era como algo distante do povo, e que faltava alguma coisa em favor dos cidadãos escadenses, para neutralizar as desigualdades das classes. Seu papel foi de um combatente, desbravando o campo tímido, medroso, do frágil corpo social daquela cidade pernambucana, exemplo, em micro, de um quadro macro no Nordeste do Brasil, que o tempo sequer conseguiu modificar significativamente. De fato, não havia a parte civil da cidadania, por faltar a liberdade individual. Não havia, de igual modo, a parte política, porque o povo – ainda que aquela porção indefinida, formada ao lado da nobreza e do clero, ou a plebe – não tinha qualquer forma de participação no poder político ali formado. Nem havia, também, parte social, produto de um legado social, posto que este também era inexistente.

Na poesia Lírica, o autor enveredou por caminhos mais moderados, tornando sua poesia menos sensual, mas visivelmente romântica.

O BEIJA FLOR

*Era uma moça franzina,
 Bela visão matutina
 Das que é raro ver,
 Corpo esbelto, colo erguido,
 Molhando o branco vestido
 No orvalho do amanhecer.
 [...]
 Vai nesse andar descuidoso,
 Quando um beija-flor teimoso
 Brincar entre os galhos vem,
 Sente o aroma da donzela,
 Peneira na face dela,
 E quer-lhe os lábios também*

Nos versos “*Corpo esbelto, colo erguido / Molhando o branco vestido / No orvalho do amanhecer*”, Tobias opta por uma visão mais doce e meiga de sua amada, não dando ênfase a uma visão mais sensual do objeto de seu amor. A escolha de suas palavras é feita pelo cuidado em pronunciá-las, a intenção é dar beleza simbólica à visão da mulher desejada. Já nos versos “*Vai nesse andar descuidoso,/ Quando um beija-flor teimoso/ Brincar entre os galhos vem*” o autor se utiliza da figura de linguagem inversão, muito comum no Romantismo brasileiro.

Após a fase positivista, o filósofo encara o naturalismo, creditando o problema como questão filosófica e não sociológica, levando tal consideração ao conceito de cultura, estando baseado nos princípios de socialidade e enormemente influenciado pela razão, aliás, esta sendo confrontada a todo instante com a fé, combatendo os anti-humanismos, resgatando os ideais do iluminista francês Voltaire, aliando o pensamento de Marx a seus escritos, seja com os editores alemães seja nos processos judiciais que participou, como podemos evidenciar no fragmento abaixo:

[...] O leitor de senso não precisa de mais nada para compreender o que vai de escandaloso em tal procedimento. Mas importa observar-lhe que, a despeito de tanta ânsia em perseguir, o Materno não conseguiu dar a seu plano a mais ligeira aparência de verossimilhança. O promotor, oferecendo a queixa por parte da miserável mãe, apresentou seis testemunhas (seis!... mais do que pedia a lei) a estas seis juntaram-se mais duas informantes; e, todavia, os seus depoimentos foram acordes em deixar a Deodato inteiramente livre de imputabilidade. Porém Materno, como dizem, já tinha dado a sua palavra. [...] (LIMA,1989. p. 163).

O Positivismo representou, na história do pensamento latino-americano, um momento especial de vigência insubmissa, rebelde, questionadora, que tem valor maior do que mesmo as suas qualidades intrínsecas como sistema filosófico. Tobias Barreto, sem sombra de dúvidas, foi influenciado por esta doutrina e Comte esteve presente em grande parte de seus escritos, direta ou indiretamente, pois é notória a partir da observação deste como estão fortemente contextualizados dentro da conjuntura histórica e sociológica do país no século

XIX. Nesse período, o Positivismo parecia produzir uma reação antipositivista, apontando caminhos diversos para a reafirmação da liberdade, como condição instrumental da construção da história nacional com uma sociedade, constituída, como denunciara Tobias Barreto, assistindo anestesiada pela alienação da maior parte de seus componentes, ao mais ágil e completo motor de reação: a emancipação intelectual do país, num tempo onde as escolas eram submissas ao pensamento religioso (Igreja) e reproduziam em todos os seus níveis os saberes da classe dominante, de interesse predominantemente conversor. Só para termos uma noção de letargia intelectual da nação tínhamos do Maranhão a Sergipe uma única Faculdade, a de Direito do Recife, e dezenas de escolas de grau intermediário laicas e outras tantas sob o rigor de uma disciplina aplicada pelos grupos católicos, inspirados ou diretamente sujeitos à orientação dos jesuítas.

Dos diversos inimigos que conseguiu arranjar, Tobias Barreto encontrou na Igreja a personificação do que havia de mais hipócrita na sociedade, haja vista que o papel que ela deveria assumir socialmente não era o de tomar partido das elites dominantes, mas dos desfavorecidos. Observemos uma poesia feita com o intuito de atacar a igreja, mais precisamente um padre, desafeto de Tobias.

PADRE FONSECA

*Não importa que o mundo atroz me seja
E enfureça a batina contra mim.
Crença é arminho. Mas na própria igreja
Há de padrecos muita estopa ruim.
Se injúria apenas o Fonseca espalha
Na terra maranhense e o clero ri,
Eu monto o padre, empurro-lhe a gargalha
E a besta geme e não se apruma aqui.
O padre em versos latinos
Havia de errar, bem sei;
Manes de Horácio e de Ovídio,
Quanta vergonha! Tremei!
E digo ante o reverendo
Que tais versos escreveu:*

*Só bastante é o Vaticano
P'ra conter esse sandeu.*

Esse poema foi escrito com a intenção de atacar um padre, sendo necessário frisar que o poeta, por ter tido problemas com a igreja no Maranhão, fez críticas ferrenhas à Instituição que renderam a ele o "ódio" dos seus representantes. O Padre Fonseca foi um dos que demonstrou certo desprezo a Tobias Barreto. No entanto, ele não se curvou e encarou esse "padreco" como se enfrentasse a mais vil fera. Faz-se necessário citar aqui um artigo que o mesmo escreveu.

A raiz quadrada, da soma de todas as vacas, com que boli, de todas as cascavéis que assanhei, inclusive a Chica-pandeiro, é hoje o padre Fonseca. Munido de um varapau, eu futuco-lhe as ventas, os vazios, os sovacos, e o bicho pinoteia, bufa, rincha, arreganha os dentes, querendo morder-me, não obstante o barbicacho religioso, que o tem preso; mas quando já está exausto de dar coices no ar eu volto à carga e grito-lhe de novo: he Jonas na Grécia, versos errados; que padre bobo... (BARRETO E LIMA, 1989, p.316).

Nota-se então a total aversão que Tobias Barreto tem ao membro da ordem eclesiástica, não medindo esforços em deixar clara sua posição em relação a este que o repudia tão veementemente.

Se os poderes que formam a sociedade estavam tratando o povo como pessoas que podiam ser enganadas, Tobias passa a usar sua oratória em tom jocoso. Nesse sentido, faz-se necessário frisar a importância da sátira como elemento de denúncia de um estado de insatisfação, observado por pessoas que, em determinados instantes de nossa História, tentaram ir de encontro ao regime imposto utilizando-se de um artifício que deixasse o satirizado com dúvidas a respeito do verdadeiro alvo. Tobias utilizou-se da sátira para tripudiar daquela Instituição que se valia da fé para alienar o rebanho. Vejamos, então, numa de suas sátiras o que ele faz com uma sentença aplicada por um juiz.

NAMORO NÃO É CRIME

(A um Juiz de Escada)

*Considerando que as flores
Existem para o nariz,
E as mulheres para os homens,
Na opinião do juiz;
Considerando que as moças,
Ariscas como a perdiz,
Devem ter seu perdigueiro,
Na opinião do juiz;
Considerando que a gente
Não pode viver feliz
Sem fazer seu namorico,
Na opinião do juiz;
Amemos todos, amemos,
E Cupido quem o diz;
Pois namoro não é crime,
Na opinião do juiz...*

(Em Dias e Noites / 1874).

Este poema foi transcrito no jornal *A Província* em 1874 e dedicado a um juiz de Escada. A partir de um processo no qual entre o réu e a vítima houve um simples namoro, o juiz não interpretou como crime capitulado no Código Criminal por não ter ocorrido defloramento. Deste episódio o poeta inspirou-se para satirizar o ocorrido e, através da figura de linguagem comparação, faz alguns trocadilhos para evidenciar que a mulher está para o homem assim como as flores estão para o nariz, ou seja, será inevitável a aproximação entre os dois. Na visão do autor é consequência de uma lei natural da vida. Em seguida, afirma que a corrida do homem ao encontro da mulher é comparada ao perdigueiro no encalço de sua presa, enfatizando ainda que a felicidade é fruto desta relação e se por ventura isso não acontecer tudo é tristeza. Afirma também que o Cupido é defensor do amor e, portanto, namoro não é crime na opinião do juiz.

No que diz respeito a Immanuel Kant, Tobias Barreto só foi conhecer a importância do seu pensamento entre 1886 e 1887, ou seja, bem próximo de sua morte, pois na década anterior o Kantismo era visto como sendo uma doutrina sem pressupostos. No entanto, escreveu um artigo intitulado *Recordação de Kant*, traçando sua visão acerca desse pensamento filosófico, considerando alguns pensadores que precederam e sucederam Kant, este que contribuiu enormemente para o surgimento da metafísica, a partir das divergências que tinha do pensamento de Hume.

Segundo Tobias Barreto, Schopenhauer dizia que o principal mérito de Kant consistia em ter derrubado a filosofia escolástica com as suas pretensas provas da existência de Deus. Com isso percebemos que a *Crítica da Razão Pura* foi o livro sagrado da Metafísica, onde Kant defendia que não existia uma filosofia hipersensível, defendendo ainda uma disciplina mental a quem o seu sistema ficasse subordinado com o intuito de produzir idéias. Graças a Hume que o filósofo em questão acordou de um sono demagógico.

Tobias Barreto na dissertação do concurso para a Faculdade de Direito do Recife defendeu a doutrina dos *Direitos Naturais e Originários do Homem*. Parte de uma visão meramente sociológica onde mostra o homem regido por leis sociais fazendo uma relação entre duas entidades força / massa e massa / força deixando clara a influência do Positivismo e, ao mesmo tempo o caráter metafísico quando afirma que o homem é fruto da sociedade e que os direitos, quer como condições de existência, quer como condições evolucionistas da vida social, são da mesma natureza porque saem da mesma fonte, a sociedade.

Percebe-se que a partir das observações que Kant fazia da sociedade européia, Tobias Barreto inspira-se para construir o seu pensamento tendo por base a Metafísica, levando em consideração quatro aspectos até então em voga: a religião, a poesia, as Ciências Naturais e a filosofia. Nesta coloca em evidência a força como sendo a mola propulsora da evolução do

homem. O sergipano, a priori, considera a evolução mental e emocional do homem a partir da visão evolucionista de Darwin dentro da ótica da seleção natural conhecida como lei da concorrência vital ou luta pela existência, fazendo um contraponto entre darwinismo e evolucionismo, este sendo de cunho mais filosófico, aquele de cunho mais científico.

Ao longo de sua permanência em Escada, Tobias fez crescer a sua participação, com o mesmo ideário. A sua coerência, tantas vezes à mostra quando se declara da sua evolução mental de crítico social, político, da religião, da filosofia, do direito, da literatura e da arte em geral, aparece igualmente no campo da militância como teórico da organização da sociedade. A construção da cidadania é uma referência permanente na ação tobiática. Daí sua importância no contexto de sua obra, como momento existencial rico, e de certo modo deixado ao largo pelos seus biógrafos.

Não causa estranheza, portanto, que haja simetria perfeita entre a atividade forense e a propaganda jornalística da sua pequena tipografia, ou entre seus artigos contra juízes, promotores, delegados, autoridades do poder e seus discursos de arregimentação popular, ou ainda entre seus despachos, na eventualidade dos cargos, com seus pronunciamentos de deputado provincial, ou, por fim, entre as suas novas concepções do direito e a alforria que impunha, solenemente, aos escravos dos demais herdeiros do seu sogro. A coerência é traço fundamental, marcante, que singulariza a vida e a obra de Tobias Barreto de Meneses.

Tobias Barreto foi um poeta que não recebeu necessariamente o reconhecimento que merecia. Acreditamos que isso se deve à hegemonia que é imposta pelos parâmetros sulistas em relação à produção cultural nacional e à tendência de alguns críticos, não sem pretensões, de depreciar sua obra em favor de obras de outros autores seus contemporâneos. Urge, ao menos, que se reconheça sua importância no cenário literário nacional, se não como gênio, ao menos como o precursor do condoreirismo; como também, precursor de novas idéias mais

realistas: Perceba-se sua postura céptica ao dissecar o divino e mostrar-lhe as entranhas em “Ignorabimus”.

O REI REINA E NÃO GOVERNA

*Não sei porque a língua humana
Os brutos não falam mais,
Quando hoje têm melhor vida,
E há muita besta instruída
Nas ciências sociais...
[...]
"Seja o leão, diz o asno,
Um rei constitucional:
Com assembleias mudáveis,
Com ministros responsáveis,
Não nos pode fazer mal.
[...]
Todas as bestas da terra,
Todas as bestas do mar
Tenham os seus delegados,
Sendo os ministros tirados
Do seio parlamentar..."
[...]
"Mestre burro, isto é asneira,
Palavrão de zurrador,
Esse direito é fumaça,
De que nos serve a ameaça,
Quando nos falta o valor?*

*Só vejo, que bem nos quadre
No trono, algum animal,
Que coma e viva deitado:
O porco!... Exemplo acabado
De rei constitucional..."*

Nesse apólogo, Tobias Barreto nos mostra como consegue através da sátira e do uso de metáforas criticar as Instituições governamentais e tentar salvaguardar os direitos das pessoas menos favorecidas e coloca aqueles que estão no poder não como os verdadeiros donos dele, mas o povo como o que intervenciona e muda a situação que não lhe é agradável. Por isso que o rei reina, mas não governa, seu poder é limitado pelo poder – ilimitado – do povo.

A obra de Tobias nos jornais e nos livros, nas ruas e nas cátedras, na tribuna ou no Foro é marcada pela força do pensamento próprio, reflexivo diante de uma realidade adversa para a maioria dos brasileiros dos meados do século XIX, particularmente adversa para ele, pela sua condição racial e de pobreza. Isso o faz assumir uma posição em defesa dos menos favorecidos, por já haver passado por aquela condição de preconceito social e racial.

No centro da obra de Tobias Barreto duas vertentes marcaram sua atividade intelectual: a da sociedade e a do direito. Em Ambas, a revelação revolucionária, fruto de suas convicções, estava alicerçada nos ensinamentos de Darwin (criou a *Teoria da Evolução*), Haeckel (insistiu na unidade fundamental da natureza orgânica e inorgânica) e outros.

Antes de Tobias Barreto, os estudantes da Faculdade de Direito do Recife aprendiam que a sociedade, como o direito, tinha origem divina. Havia uma única história humana, narrada na Bíblia. Só a religião oferecia uma verdadeira garantia à ordem pública, e só ela podia sancionar de maneira positiva a moral social e prevenir crimes cuja investigação escapa às leis humanas.

Mesmo tendo recebido uma formação religiosa, católica, Tobias Barreto rejeitou a aliança da ciência com a religião, com a mesma ênfase que refutou a aliança da liberdade com a ordem, ambas defendidas na Faculdade de Direito do Recife, já que para haver liberdade era necessário se faz romper padrões estabelecidos socialmente e tomar o poder dos poucos que dele desfrutam.

Na visão ampla do teórico, a liberdade é uma insubmissão aos domínios do poder. A voz do mestre tem um sólido compromisso com a liberdade, com a ruptura da ordem e com a organização do povo.

O Racionalismo ou Cientificismo de Tobias Barreto tem servido para que muitos dos seus críticos cometam injustiças contra o sergipano. Sem fraquejar, Tobias assume posição clara de defesa da ciência, para engrossar as teses da origem cultural e social do direito.

No concurso para Lente Substituto da Faculdade de Direito do Recife, 1882, Tobias Barreto oficializa, perante uma banca examinadora e centenas de jovens estudantes, seus conceitos novos e remete para a história os compêndios em uso com suas velhas verdades.

Certamente que os estudos feitos por Tobias Barreto até hoje são incompreendidos e dentre os fatores que contribuíram para essa visão está o fato do autor se valer de estudos da filosofia alemã, tão pouco aceita por outros escritores, que acreditavam estar na França as principais idéias a serem defendidas. Nesse sentido, diante de novos argumentos e de uma oportunidade rara na vida cultural pernambucana, Tobias Barreto aproveitou para expor seu compromisso científico e filosófico com a sociedade do direito.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **ABC de Castro Alves**. 24ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1980;

BARRETO, Tobias. **Dias e Noites**. Organização de Luiz Antonio Barreto; Introdução e notas de Jackson da Silva. 7. ed.rev. e aum. Rio de Janeiro: Record; Brasília, DF: INL, 1989;

_____, Tobias. **Esparsos e Inéditos**. Organização, notas e apresentação de Jackson da Silva. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura, 1989;

_____, Tobias. **Estudos de filosofia**. Organização, Introdução e notas de Paulo Mercadante e Antonio Paim. 3. ed. Rio de Janeiro: Record; Brasília: INL, 1990;

FILHO, Antonio Garcia. **Um Pensamento na Praça**. Fundação Augusto Franco, 1960.